

O Pensamento do Tremor

Elisângela Oliveira Gomes¹

GLISSANT, Édouard, *O pensamento de tremor*. La cohée du lamentim. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard, Ed. UFJF, 2014.

O pensamento do Tremor é um dos últimos ensaios do Francês Édouard Glissant: romancista, poeta, antropólogo e ensaísta. Glissant nasceu em 1928 na Martinica e morou na França de 1946 até 1965. Escreveu o presente ensaio já na sua velhice aos 77 anos. Faleceu em Paris, no ano de 2011.

O livro em questão foi subdividido em: Prefácio; Como o pássaro inumerável; Prelúdio à chuva de areias; A plantation, o burgo, a cidade; Imaginário dos povos; Impérios; Yam, I AM, Lam; Orlamar; Os inextricáveis e Lugares ocasiões pretextos. É importante ressaltar que a escrita de Glissant embora muito reflexiva demanda esforço intelectual para ser entendida, seus textos são repletos de uma mistura de literatura e imaginário. Conceitos como de “crioulização”, “todo-o-mundo” e “mundialidade” são explicados e algumas vezes exemplificados pelo autor no decorrer do ensaio.

O prefácio é escrito por Lílian Pestre de Almeida, professora titular da UFF. Ela comenta que o título, ao ser traduzido, gerou certo “problema”, devido ao nome original ser intraduzível. Almeida destaca o fato do ensaio em questão ser uma súplica poética e uma *coda* barroca ao conjunto da obra ensaística do poeta, e parte em seguida para uma análise do significado do título da obra. Destaca, por exemplo, que Lamentin significa na literatura africana um animal mítico. Por fim, ressalta que procurar pelo significado de *cohée* é inútil, já que seu significado só será encontrado em um outro ensaio do Glissant, correspondendo tal palavra a uma pequena zona meio lamacenta.

A autora do prefácio chama atenção para uma especificidade dos textos de Glissant: para ela, ainda que o leitor tenha o francês como língua materna, é fundamental em sua poética que também tenha em mente a paisagem francesa a qual fez o escritor perceber a sua dupla problemática de identidade de antilhano e de francês.

¹ Formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Pós-Graduada em Literatura e Cultura Afro-Brasileira na Universidade Federal de Juiz de Fora e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nesse sentido, o retorno ao seu país natal serve de pretexto para revisitar e repisar alguns temas como: a digênese que se opõe a gênese, a identidade-relação que se opõe à raiz única, a totalidade à unidade, as Américas à América, a mundialidade à mundialização etc.

Ainda no prefácio, Almeida destaca dois fatores fundamentais na leitura dos textos de Glissant. O primeiro seria o fato de ser preciso uma leitura crítica, fazendo-se necessário uma articulação, no caso brasileiro, das ideias do autor com outros modelos críticos das Américas. O segundo fator consiste na posição do autor, o mesmo se coloca a favor de um Todo-o-Mundo ou Totalidade-Terra realizada defendendo a necessidade imperiosa da exploração do passado coletivo, rasurado pela história oficial e imposta pela lógica do mais forte.

No capítulo que abre o livro, intitulado “Como o pássaro Inumerável”, o autor nos apresenta o seu conceito de “*Mundialidade*”, reverso negativo da “*Mundialização*”, em que lugares comuns se concebem ao mesmo tempo como um inextricável múltiplo e uno. Glissant acredita que cabe a cada um mudar suas maneiras de conceber, viver e reagir nesse mundo e que a utopia é exatamente o que falta no mundo. É necessário aprender a pensar e agir no inextricável do mundo, sem reduzi-lo às nossas próprias pulsões ou interesses, desta forma nossas vidas enquanto habitantes de um mesmo “mundo” será muito mais tranquila e justa. Pode-se dizer que para o autor o ensaio em questão surja de toda parte, de um reunir das diversidades e quando relata um fato lido, por ele a respeito de desastre natural (abalo sísmico), Glissant cita o livro de Paul Gilroy *O atlântico Negro* e destaca uma frase de um personagem de seus romances, Apocal, que resolve a situação referente às inundações de forma a desprezar as fraquezas humanas tornando-se um peixe.

Outro aspecto abordado no mesmo capítulo é o processo de globalização que acaba por preceder os fatos devido a dois fatores: a mecânica da informação e a velocidade com que os fatos são compartilhados no mundo. Para o autor, vivemos todos em lugares-comuns, onde pensamentos do mundo encontram pensamentos do mundo. O autor destaca também que o devir de uma pessoa não se decide mais fora de uma dinâmica do Todo, de um alto pensamento do mundo que ele denomina “*mundialidade*”.

“O pensamento do tremor” condiz com a errância do mundo e com seu caráter inexpressável. Ele é a certeza de que é possível abordar esse caos. Ele nos preserva dos pensamentos de sistema e dos sistemas de pensamento. Ele é a utopia que nunca se fixa

e que se abre amanhã. Dado o exposto, concluo que para o autor o caos é certo em nossa atualidade e, é através de uma utopia\solidariedade, nas trocas com os demais que superaremos nossas diferenças e viveremos em solidariedade uns com os outros. O todo-o-mundo consiste no objeto mais alto da poesia de Glissant.

No capítulo seguinte “Prelúdio à chuva de areias” destaca-se a menção às Américas como local mais vivaz e extravagante de um enorme contato de quase todas as culturas conhecidas, devido principalmente a diáspora africana. O autor destaca que o contato dessas culturas não foi harmonioso e por razões evidentes em seu discurso concebe o mundo imprevisível visto através do prisma da criouliização.

O autor relata que no ano de 2002 esteve numa galeria em Paris onde observou dez artistas das Américas. Posteriormente, ao citar o nome desses artistas, Glissant vai descrevendo sua percepção sobre as obras constatando em determinado momento que é sempre de paisagem que as obras tratam e que a Planura é generalizada nas artes das Américas.

Em “a plantation, o burgo, a cidade” o autor faz uma analogia entre o crescimento continental e o crescimento do pensamento continental, devido ao processo de colonização. Glissant afirma que o pensamento do tremor é um pensamento arquipelágico, e que ele distrai e desvia as imposições dos pensamentos de sistema. Tais pensamentos se abrem para uma relação em uma totalidade.

Ainda nesse capítulo, o autor discorre sobre a criouliização (mestiçagem que produz o inesperado) no Caribe e Brasil destacando que a mesma foi acelerada, em ambos os países, pela deportação dos povos africanos. Esses povos quando semeados no novo local, encontraram na dor os vestígios\rastros de sua cultura ao mesmo tempo em que se dispuseram mais facilmente aos outros, desta forma eles acabaram criando o inesperado. Em vista disso, o autor descreve a neo-américa como a América que sofreu as condições sociais regidas pela escravidão. Para o autor a criouliização é o princípio geral de emergência da vida social nessa região.

Glissant usa do termo “plantations” para descrever o mundo de hoje. Segundo o autor estamos delimitados por plantations, nas quais nos encontramos forçados a viver juntos e compartilhar. Ele destaca também o fato de as plantations se misturarem às cidades, as cidades invadirem as ilhas, que emaranham por sua vez etnia com etnia, nos fazendo em seguida o seguinte questionamento: Quem conservou quem, quem perdeu o quê? Tão atual e preciso é esse questionamento, em função da velocidade com que compartilhamos fatos\culturas.

No capítulo “Imaginário dos povos”, o autor fala do poder da poesia em gerar perturbações que nos transformam. Cita Aimé Césaire e destaca que tal poeta alça, ergue consigo o mundo. Para Glissant a poesia de Aimé Césaire o faz sentir doçura ao mesmo tempo em que faz sentir fúria em função dos desastres e guerras que vivenciamos. Tudo isso (guerras\massacres\ternura) se encontra, em força e em tremor, tudo está ali e germina, nesta imensa Anunciação.

O autor destaca sabiamente o fato de que hoje a voz dos oprimidos é tão soberana quanto à lei dos antigos mestres e que não devemos deixar presumir que a poeira na qual se debatem os povos é infértil, que sobre ela não se pode edificar uma grande verdade ou poderosa literatura.

Sobre o capítulo “Impérios”, destaca-se a menção à Deleuze destacando que uma das respostas possíveis do referido para o que é o Todo-o-Mundo seria: Um mundo em que “se entra em zonas de vizinhanças, mais do que se adquirem caracteres formais” (Glissant,2014, p135). Em seguida, Glissant evidencia que para ele o Todo-o-Mundo é o lugar de uma realidade processiva, que ele denomina crioulização. O autor retoma Deleuze para constatar que este se encontra no meio do Rastro-vestígio e que as opiniões e soluções alternativas que Deleuze propõe junto a Guattari constroem o corpo fluente de novas poéticas.

O autor chama a atenção, ainda nesse capítulo, à tradução. Para ele traduzir nos dias de hoje, estabelece uma relação entre totalidades, toda tradução entra doravante no rizoma dos imaginários. A tradução é criadora, produtora de sentido novo.

De acordo com Glissant uma opinião pública é totalmente volátil no Todo-o-Mundo, porque a força dos lugares comuns se dissolve na ignorância que estamos de suas conjunções, que os “Estados” constituídos apostam no fato, e dão a conhecer mais ou menos os acontecimentos, esperando que seu eco respingue logo em espumas que ninguém poderia segurar.

No capítulo: “Yam, I AM, Lam”, o autor nos esclarece que o nome dado ao presente capítulo se refere a um artista\pintor antilhano. Tal poeta é citado de forma a destacar que sua obra sofre influência africana, como a de muitos outros em função da diáspora africana. De acordo com o Glissant, Yam, I AM, Lam é “moderno” como Picasso e “africano” como Césaire, porque as poéticas de seus universos abordam aos mesmos arquipélagos da desmedida, da revolta e beleza que frequentam.

Em “Orlamar”, Glissant narra a História de Koba, um lenhador de origem Georgina que devasta tudo o que descobre do mundo, durante uma investida horrível. Koba é um revoltado que nunca admitirá que os deuses confisquem os segredos do universo e à medida que extermina os deuses ele se diviniza. Glissant cita Koba para fazer com o mesmo uma analogia com parte da humanidade dos dias de hoje onde a humanidade não massacra à sua volta para matar os deuses, mas em nome destes.

Glissant com intuito de mais uma vez “marcar” a presença africana nas culturas das Américas tece comentários sobre a poesia dessa origem destacando que as poéticas africanas deixaram nos Antilhanos, como um pouco em toda parte nas Américas, rastros-vestígios, que devemos escavar e decifrar. As poéticas das línguas crioulas são antes de tudo fractais, é por isso que elas são tão difíceis de expressar por escrito. De acordo com Glissant, chegamos ao ardor nascente do imprevisível do mundo, invocamos a felicidade e adivinhamos os sofrimentos silenciosos dos povos. Vivemos a medida e não somos coagidos pela sua ordem. Entoamos a desmedida, e não nos perdemos no seu arrebatamento.

Em: “Os inextricáveis”, o autor declara que aqueles que agem no mundo com generosidade muitas vezes pensam somente através de seu lugar e mais uma vez enfoca o fato do mundo se criouliizar. Para ele, é necessário inclinar os imaginários do mundo rumo ao inédito, onde o ser se arrisca ao Outro sem perder-se no incomposto.

O livro encerra-se com: “Lugares ocasiões pretextos”, em que Glissant faz um apanhado geral do livro, citando os artistas que destacou e relatando que os textos presentes no mesmo percorrem as circunstâncias do mundo.

Por tudo isso, *o Pensamento de Tremor* é uma leitura fundamental, importantíssima para todos que se interessam pelas consequências da diáspora (africana) e dos processos de colonização no mundo. O que o autor procura evidenciar com esse estudo é a necessidade de criarmos um mundo ideal em que todos saibam respeitar e conviver com o Todo-o-Mundo. Tais utopias levariam o ser humano a um ideal de vida mais justa e digna.